

## ARQUEOLOGIA DA RESISTÊNCIA ESCRAVA

Prof. Dr. Charles E. Orser Jr<sup>2</sup>

Prof. Dr. Pedro Paulo Funari<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** A Arqueologia da escravidão no Novo Mundo tem expandido exponencialmente durante as duas últimas décadas tornando-se, provavelmente, a área de maior influência dentro da Arqueologia Histórica na atualidade. Como parte do esforço dessa pesquisa, arqueólogos têm examinado vários tipos de sítios e realizado diversas e importantes contribuições para a literatura. Tem-se estudado, mas não com muita frequência, sítios relacionados a escravos fugidos. Argumentamos que a arqueologia da resistência e rebelião escrava deveria constituir um elemento chave para a Arqueologia da escravidão no Novo Mundo e nós propugnamos a escavação dos quilombos como arenas excelentes para tal estudo. Apresentamos um exemplo de Palmares, no nordeste do Brasil, como parte dessa pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Novo Mundo; escravidão; resistência; rebelião; Palmares; Brasil.

---

**ABSTRACT:** The archaeology of New World slavery has exponentially expanded during the past two decades to become perhaps the most influential area within today's historical archaeology. As part of this research endeavor, archaeologists have examined many kinds of sites and have made diverse and important contributions to the literature. Sites associated with fugitive slaves have been studied, but not as frequently. We argue that the archaeology of slave resistance and rebellion should be a key element of New World slave archaeology, and we promote the excavation of runaway polities, or maroons, as excellent arenas for such a study. We present an example from Palmares in northeastern Brazil as part of this exploration.

**KEY-WORDS:** New World; slavery; resistance; rebellion; Palmares; Brazil.

---

---

<sup>2</sup> Professor Catedrático de Antropologia, da Illinois State University, Estados Unidos, e Professor Adjunto de Arqueologia, Universidade Nacional da Irlanda, "Galway". Autor da obra *A Historical Archaeology of the Modern World* (Plenum, 1996) e editor fundador do *International Journal of Historical Archaeology*.

<sup>3</sup> Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas, Brasil, pesquisador-associado da Illinois State University e Universidad de Barcelona. Co-editor, junto ao M. Hall e S. Jones, do *Historical Archaeology: Back from the Edge* (Routledge, 1999), além de autor de diversos livros e artigos sobre Arqueologia Histórica.

## INTRODUÇÃO

A investigação da escravidão amadureceu nos últimos anos para se tornar um marco de pesquisa da Arqueologia Histórica no Novo Mundo (ORSER, 1990, 1998; SINGLENTON, 1995, 1999). Arqueólogos têm examinado tópicos como a cultura material da escravidão, dieta e subsistência escrava e o desenvolvimento e manutenção da cultura material associada à escravidão. Muitos arqueólogos também começaram a considerar as dimensões arqueológicas das religiões, mitos e simbolismo escatológico dos escravos. Algumas das mais importantes e robustas investigações teóricas envolvem o exame da expressão material da etnicidade escrava e a categorização racial estabelecida pelos grupos dominantes. Arqueólogos explorando esses amplos tópicos têm, algumas vezes, incluído investigações sobre a resistência escrava no interior de suas pesquisas, fazendo com isso um pequeno, mas importante, segmento dessa nascente área da especialização arqueológica. Neste trabalho, exploramos a natureza arqueológica da resistência escrava e propomos que a Arqueologia da resistência e rebelião escrava deve ser um ponto de partida da Arqueologia da escravidão no Novo Mundo. Incluímos um exemplo de Palmares, Brasil, para reforçar nosso argumento.

## A ARQUEOLOGIA DA RESISTÊNCIA E DA REBELIÃO

Os arqueólogos que começaram, no final da década de 1960, a examinar as características da escravidão e da vida escrava abordaram o objeto como um exercício de identificação cultural. Os objetivos dessa primeira Arqueologia relacionada às necessidades dos escravos incluíam o completamente mundano, mas absolutamente necessário trabalho, de determinar a natureza da cultura material dos escravos. Tinham poucas expectativas *a priori* acerca do que poderiam encontrar enterrado e abandonado em assentamentos escravos, já que sítios desse tipo nunca haviam sido escavados de maneira séria anteriormente (veja, por exemplo, FAIRBANKS, 1983, 1984). Tendo a clareza da falta de conhecimento arqueológico preciso sobre a cultura material da escravidão no Novo Mundo, arqueólogos não conseguiram refutar a crença bastante comum de que os escravos não tinham uma cultura material ativa e expressiva. Examinando a vida escrava no Novo Mundo, os arqueólogos demoliram completamente esse mito, bem como cresceram exponencialmente tanto as sofisticadas interpretações arqueológicas como os recortes de suas pesquisas (SINGLENTON e BOGRAD, 1995).

*Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*

A Arqueologia da resistência e rebelião escrava desenvolveu-se como parte de um grandioso projeto de entendimento da experiência da diáspora africana, e foi também beneficiada por duas principais influências que se originaram fora da disciplina: a pesquisa minuciosa realizada por historiadores e antropólogos dos elementos históricos e sociais das revoltas escravas (por exemplo, APHEKER, 1943; JAMES, 1969; PRICE, 1979), e a crescente percepção por alguns arqueólogos de que muitos dos desenvolvimentos no movimento pelos direitos civis ao redor do mundo estavam ancorados nas tradições de resistência que freqüentemente eram sustentadas por longas raízes históricas. Como alguns arqueólogos começaram a reconhecer que a pesquisa da cultura material da escravidão era intelectualmente insatisfatória como um fim em si mesma e por si só, muitos deles começaram a se dedicar a suas pesquisas esclarecendo as tensões e conflitos inerentes ao sistema que escravizava alguns homens e mulheres para o benefício financeiro de outros. O tópico da liberdade necessariamente aflorou uma vez que essa nova linha de questionamento foi adotada (LEONE et al. 1995), e isso tornou possível à percepção da arqueologia da escravidão no Novo Mundo como pertinente para revelar o caráter histórico e social dos esforços conscientes de homens e mulheres escravizados para forjar a liberdade em seus próprios termos. Os estudos das últimas décadas têm mostrado como os escravos não eram passivos, humilhados, mas, ao contrário, não havia tentativa de dominação que não fosse contrastada.

Alguns arqueólogos usaram os materiais provenientes de suas escavações em sítios de fazendas para argumentar a natureza polivalente da cultura material, com no mínimo alguns artefatos sendo usados de maneiras obscuras ou ambíguas, sugerindo a resistência escrava. Eles começaram a perceber que alguns artefatos escavados, quando completamente contextualizados dentro da comunidade escrava, poderiam ter sido usados de forma funcional e simbólica. Portanto, os escravos poderiam ter utilizado aparentemente alguns objetos utilitários – tais como cerâmicas e cachimbos – para promover a coesão do grupo e identidades e subjetividades próprias (veja FERGURSON, 1991; ORSER, 1991). Arqueólogos inclinados ao estudo da resistência encontraram no trabalho do cientista político James Scott (1985, 1990) um caminho mais fácil para fazer as conexões conceituais entre artefato/resistência. Em dois estudos amplamente lidos sobre a Malásia moderna, Scott demonstrou que os conflitos entre proprietários de terra e trabalhadores rurais, ao invés de ser esporádico, eram de fato elementos de um processo contínuo que muitas vezes era extremamente sutil.

A aceitação da interpretação de Scott teve várias implicações importantes para a pesquisa arqueológica. Primeiro, arqueólogos puderam presumir que muitos

*V. I, n° 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2004.*

exemplos de resistências diárias não deixavam traços no material. Sabotagem do maquinário, ferramentas e possessões pessoais, destruições sub-reptícia de plantações ou mutilação de animais, ignorância ou desconhecimento dissimulada, auto-mutilação e suicídio que não são visíveis arqueologicamente. Tais “atos individuais de resistência” (APTHEKER, 1943: 140-49) podem ter sido extremamente de curta duração e esporádicos. Pelo contrário, entretanto, os estudos de Scott mostraram como essa resistência pode ser diária, talvez até um lugar comum - mesmo nas fazendas, onde aqueles em posição de poder frequentemente governam com brutal eficiência. A interpretação de Scott também implicou na dificuldade dos arqueólogos em identificar essa arte da resistência na cultura material, pois se pode presumir que eles eram ambos comuns em números e tinham outras funções completamente mundanas. Cerâmicas e pequenos amuletos de metal feitos para o pulso por escravos (ORSER, 1994: 39), são exemplos de cultura material que podem conter mensagens obscurecidas da resistência cotidiana de combinações cujas leituras não são interpretadas como sinal de resistência. As complexidades inerentes nessas artes de resistências diárias significam que arqueólogos em busca ativa por evidências tangíveis da resistência escrava vão encontrar o mesmo problema enfrentado inicialmente por arqueólogos que buscavam evidência de africanismos nas fazendas do Novo Mundo (veja ORSER, 1998: 67-9).

Arqueólogos procurarão por algo que eles já haviam determinado como existente dentro do contexto sócio-histórico passado de um sítio de uma determinada fazenda. Assim que, enquanto alguns arqueólogos, examinando os resquícios materiais deixados pelos africanos no Novo Mundo, presumiram a presença de africanismos – baseado em suas crenças inabaláveis no poder e na tenacidade da cultura tradicional – outros arqueólogos acreditavam que homens e mulheres escravizados não poderiam aceitar seus cativeiros sem luta. Esse segundo grupo de arqueólogos deve aceitar a possível presença de símbolos de resistência nos sítios de fazendas. Seguindo recentes tendências em pesquisas arqueológicas em geral, e compreendendo as dificuldades em mapear as resistências cotidianas, muitos arqueólogos engajados no estudo da diáspora Africana começaram a se concentrar na religião, ritual e simbolismo (exemplo, ORSER, 1994; STINE et al. 1996; WILKIE, 1995; YOUNG, 1996).

Como parte desse sutil re-enfoque de ênfase, alguns arqueólogos podem estar prontos para abandonar a resistência como tópico, preferindo ao invés disso promover a ‘acomodação’ (LIGHTFOOT et al. 1998; GARMAN, 1998; WEBSTER, 1999). Acreditamos, ao contrário, que essa mudança de foco não é

inteiramente saudável para o exame arqueológico da vida africana no Novo Mundo. Enquanto rejeitamos a determinação de que *todos* os escravos *a priori* resistiam as suas condições durante todo tempo, nós, contudo, argumentamos que qualquer tentativa de diminuir a resistência entre homens e mulheres escravos ignora as severas realidades da vida humana escravizada, as pesquisas empíricas dos últimos anos e retoma modelos interpretativos normativos e homogeneizadores já muito criticados (FUNARI, HALL e JONES, 1999). Qualquer tentativa de ignorar a importância da força entre homens e mulheres presos à escravidão serve meramente ao restabelecimento das velhas crenças de que a resistência e rebelião escrava raramente ocorriam (APTHEKER, 1943: 13), que os escravizados eram humilhados e aceitavam os ditames dos seus dominadores, uma abordagem conservadora e mesmo francamente reacionária.

O exame arqueológico da resistência africana no Novo Mundo, não importa quão difícil possa parecer, certamente irá continuar a constituir uma importante linha de pesquisa na Arqueologia Histórica. Ainda assim, as dificuldades encontradas pelos arqueólogos para fazer afirmações não ambíguas sobre as dimensões culturais, sociais e materiais das resistências cotidianas nas fazendas são admiráveis. Um caminho para se superar essas dificuldades analíticas é fazer com que os arqueólogos interessados em resistências se concentrem em um tipo de comunidade histórica dedicada à resistência e à rebelião: os assentamentos de escravos fugidos. A organização quilombola inquestionavelmente providencia a melhor oportunidade para arqueólogos fazerem importantes progressos especialmente na arqueologia da resistência escrava e no entendimento da resistência no geral.

#### **ASSENTAMENTOS ESCRAVOS E PESQUISA ARQUEOLÓGICA**

Assentamentos escravos fornecem um campo fértil para a investigação arqueológica da expressão material da sobrevivência cultural e criação da comunidade por homens e mulheres que eram forçados a viver em um ambiente estranho entre indivíduos com quem eles poderiam não “se reconhecer” na linhagem, tradição, ou linguagem familiar. Um crescente número de arqueólogos tem reconhecido o potencial proveniente das organizações de escravos fugidos, e o esforço arqueológico em localizá-los e em escavá-los começaram por todo o hemisfério ocidental (AGORSAH, 1990, 1993; DEAGAN and MACMAHON,

1995; GARCÍA ARÉVALO, 1986; GUIMARÃES, 1990; NICHOLS, 1988; WEIK, 1997).

Uma das razões pela qual o assentamento de escravos fugidos providencia excelentes áreas de pesquisa para arqueólogos interessados em amplos tópicos de manutenção cultural e na criação de suportes das comunidades vem de seu aparente isolamento geográfico. Escravos fugidos planejavam seus assentamentos como lugares isolados geralmente situados aparte da sociedade que eles estavam abandonando. Como resultado, fugitivos designavam suas aldeias e agrupamento de aldeias como lugares discretos, distinguíveis com base em seu isolamento. Contudo, seria uma falta de visão propor que o assentamento escravo era completamente isolado. A pesquisa demonstra e o senso comum dita que, mesmo os fugitivos, não podiam viver em isolamento, mas tinham que estabelecer e trabalhar para manter uma série de complexas alianças e associações, muitas das quais se estendiam para além dos limites de seus assentamentos (ORSER, 1994b). A natureza dessas conexões, e seus significados dentro da sobrevivência de um contexto cultural, são tópicos justificáveis para a investigação arqueológica.

Ao mesmo tempo, a natureza freqüentemente isolada do assentamento escravo apresenta desafios arqueológicos severos. Em primeiro lugar, as características próprias ao quilombo – como habitações de homens e mulheres desafiadores da escravidão, o centro do regime escravista - significa que a maioria das explicações históricas dos quilombos tem sido feita por pessoas de fora e não, necessariamente, favoráveis ao quilombo. Por essa razão, pesquisadores devem aproximar-se dos escritos históricos contemporâneos sobre os escravos fugidos com cautela, reconhecendo que eles podem ter sido enviesados ou mesmo inverídicos. Todo arqueólogo histórico encontra esse problema na maioria dos sítios estudados, mas isto é um assunto sério nos casos em que homens e mulheres sobre os quais se escreve estão sendo retratados por pessoas de fora como “criminosos” ou “foras da lei”. Porque poucos escritos europeus podem ser considerados não isentos, os pesquisadores de hoje em dia devem avaliar cuidadosamente suas estimativas do tamanho da população, seus comentários sobre a simplicidade da cultura material quilombola, suas observações sobre a confiabilidade do fornecimento de comida, e os seus julgamentos sobre a força militar dos assentamentos.

Ao mesmo tempo, a natureza do isolamento do quilombo freqüentemente significa que eles dificilmente serão localizados no território. A criação da comunidade quilombola em remotos lugares inacessíveis, tais como pântanos e montanhas, pode significar problemas logísticos para os arqueólogos. Também podemos supor que muitos assentamentos quilombolas serão difíceis de se

identificar, dada a necessidade de freqüentes mudanças e a possível destruição dos assentamentos por inimigos europeus. A construção de moradias e outras estruturas a partir dos materiais disponíveis no local podem colocar um problema adicional: o da não preservação das estruturas do quilombo no solo, ou, em alguns casos, pode até mesmo parecer com assentamentos de nativos americanos, indígenas.

Um elemento igualmente importante para a Arqueologia dos assentamentos quilombos é que os sítios de aldeias freqüentemente serão venerados pela comunidade descendente, e em alguns casos, elas podem até constituir lugares de devoção. A relevância atual do passado quilombola é significativa para a prática arqueológica porque a investigação dos “locais que importam” ajuda a segurar a ampla relevância cultural da Arqueologia Histórica (McDAVID and BABSON, 1997; ORSER, 1998: 76-8).

#### **UM EXEMPLO DE ARQUEOLOGIA DA RESISTÊNCIA: PALMARES, BRASIL**

Palmares, uma organização de escravos fugidos no Brasil no século XVII, fornece um excelente exemplo da importância da luta e resistência estudadas pela arqueologia. Pesquisas arqueológicas delimitadas em Palmares apontaram para evidências de que as pessoas fugidas não viviam isoladas, que as explicações históricas do estado rebelde são preconceituosas, que as comunidades quilombolas freqüentemente se parecem com assentamentos indígenas, e que os descendentes de quilombolas têm múltiplos caminhos para reverenciar essa importante resistência política.

Os portugueses desenvolveram as plantações de açúcar no Brasil no início de sua história colonial, e por volta de 1570 já havia vários estados que combinavam a força de trabalho de africanos e nativos da América do Sul. Essas fazendas portuguesas estavam situadas no nordeste da colônia, enquanto o processamento do açúcar e seu financiamento provinham dos holandeses, que ocuparam Pernambuco em 1629 e permaneceram no Recife até 1654. Escravos fugidos se situaram nas áreas montanhosas de florestas, uns 70 km da costa, no início do século XVII. Durante os anos iniciais, Palmares derivou seu nome das muitas árvores de palmeiras e referiu-se aos seus refúgios espalhados. Várias aldeias cresceram ao pé das montanhas distantes entre 60 e 90 km das áreas de fazendas, em direção ao interior do continente, e estenderam-se aproximadamente acima de 150 km, paralelas à costa (ALLEN, 1999: 144).

A primeira expedição contra Palmares em 1612 atestou a importância da organização já nos primeiros anos do século. Como o assentamento continuava a crescer, os holandeses começaram a considerar Palmares como uma séria ameaça, e atacaram-no diversas vezes. Em meados da década de 1640, Palmares já comportava nove aldeias separadas. Depois de os holandeses deixarem o Brasil, os Portugueses investiram diversas expedições contra Palmares, com uma campanha sistemática para destruí-lo, o que começou na década de 1670 (FUNARI, 1999). Entre 1670 e 1678, sobre o domínio de Ganga Zumba ou Grande Rei, parece ter havido um comércio ativo entre Palmarinos e colonos da costa (ROWLANDS, 1999: 333). O declínio no preço do açúcar e a competição com o Caribe conduziram ao aumento das contradições sociais entre as elites, e a violência foi usada para manter a ordem na sociedade escravocrata, incluindo um aumento dos ataques contra Palmares.

Os ataques patrocinados pelas autoridades não previam uma relação contínua, não oficial e não sancionada, entre moradores dos quilombos e colonos comuns da costa, uma vez que os interesses das elites das fazendas e os das pessoas comuns não eram os mesmos. Enquanto que fazendeiros sofriam por causa da fuga de seus escravos, os colonos poderiam obter vantagens com seus relacionamentos com escravos fugidos, através da manutenção de um comércio constante e regular. No final da década de 1670, um novo governante de Palmares, Rei Zumbi, responsabilizou-se pela defesa do quilombo. Desbravadores do sul do Brasil, conhecidos como paulistas ou bandeirantes, destruíram Macaco, a capital de Palmares, em 1694, e nos anos seguintes, executaram seus líderes, incluindo Zumbi. Macaco era também conhecida como “Serra da Barriga”, e os autores deste artigo realizaram trabalhos de campo arqueológicos e identificaram diversos sítios ali (ORSER, 1994b). Muito foi escrito sobre Palmares a partir das evidências históricas, mas não havia trabalhos arqueológicos antes da década de 1990. Os levantamentos feitos a pé para localizar os materiais arqueológicos foram seguidos por testes. No final da década de 1990, o campo de trabalho continuava a ser vasculhado (ALLEN, 1999), e a maioria das evidências materiais consiste em rústicos potes e cerâmicas. Três específicos tipos foram identificados nas coleções: cerâmica nativa e não esmaltada; cerâmica européia e esmaltada; e cerâmicas feitas localmente e esmaltadas.

O estudo arqueológico de Palmares evidencia a noção de que homens e mulheres da comunidade lutavam pela liberdade e resistiam contra opressão (FUNARI, 1995a). Documentos freqüentemente presumem que os escravos internalizavam as *Weltanschauungen* e os costumes e pontos de vista de seus senhores (análise em GLASSMAN, 1995: 140), produzindo uma descrição

preconceituosa dos grupos subalternos (cf. FUNARI, 1997: 197). Em 1613, as pessoas de Palmares eram descritas como “habitantes preguiçosos e agressivos que fugiam do trabalho” (CARNEIRO, 1988: 50), e na década de 1670, eles eram vistos como “bárbaros que esqueceram sua subjugação” (ALLEN, 1999: 147). As cerâmicas produzidas ou usadas na capital contam uma história diferente na medida em que revelam a autonomia cultural da comunidade (cf. GLASSMAN, 1991: 278). Essa autonomia, entretanto, não implica a falta de contato com o exterior, uma vez que as cerâmicas fornecem claras evidências de interação com nativos sul-americanos e europeus migrados. Interação com os europeus é evidente no uso de estilos cerâmicos europeus, com quatro variedades de “estilos de decoração esmaltada” nas cerâmicas grosseiras em uso. Esses artigos não eram muito diferentes daqueles portugueses e holandeses contemporâneas, sugerindo relações com diferentes colonizadores. Os produtos eram utilitários, sugerindo que eles eram destinados para as não elites que viviam na costa. Se essa interpretação estiver correta, então as cerâmicas rústicas indicam contatos entre residentes do quilombo e colonos europeus não pertencentes à elite.

Contatos com nativos brasileiros é também sugerido pelo estilo da cerâmica nativa. Esses vasilhames Tupinambas são similares às cerâmicas africanas Ovimbundu, indicando provavelmente uma convergência de tradições africanas e nativas. Não há dúvidas de que a cerâmica é do estilo nativo sul-americano, provavelmente porque ele foi feito por mulheres nativas brasileiras, que eram casadas com os habitantes do quilombo. Os africanos fugidos talvez estivessem se sentindo confortáveis com a cerâmica Tupinambá especialmente porque ela se assemelhava com a feita por nativos de suas terras natais. Nós não temos evidências que sugiram que a maior parte dos homens africanos controlava a produção de cerâmica, nem na África nem nas Américas, e, por isso, preferimos supor que a cerâmica, como uma atividade feminina, era feita por nativas sul-americanas. Tipos cerâmicos feitos localmente eram torneados e, até agora, não foram identificados em outro lugar. A cerâmica usada em Palmares atesta, portanto, tanto a integração dos fugitivos dentro de um mundo mais amplo de trocas – da costa brasileira à África e à Europa – quanto o caráter único de sua organização. O mundo material de Palmares não era nativo, Europeu ou africano; ele era específico, forjado em suas lutas pela liberdade. A mesma conclusão foi recentemente encontrada por Cláudio R. Crôs (1997:81): "Palmares estava no coração de uma vasta área de 27.000 Km quadrados, ocupado pela federação de 11 assentamentos e diversos pequenos vilarejos onde viviam, livres, 20 a 30 mil africanos, pessoas mestiças e até mesmo nativos sul-americanos". Mas a liberdade tinha um preço: guerra.

Palmares era uma comunidade em guerra, lutando pela sua própria existência, e o estado de contínua guerra influenciou fortemente todos os aspectos da vida nas aldeias. Arqueologicamente, isto é possível de notar por todos os sítios da Serra da Barriga que estão localizados na face sul, em uma posição estratégica em relação ao Rio Mundaú, usado pelas trocas coloniais para atacar a capital. Essa paisagem é um artefato natural e cultural. O seu significado e os usos nos quais foi colocada eram entendidos pela população palmarina e eram prescritas culturalmente (cf. PALMER, 1998: 183). A resistência está, portanto, inscrita nos assentamentos em padrões de assentamento próprios e específicos.

Relatos históricos são, por definição, sempre tendenciosos contra os resistentes. Embora a escravidão tenha sido espalhada pela África, não é possível avaliar um documento contemporâneo no qual o autor tenta explicar o crescimento do quilombo pela força, declarando que os "escravos eram tirados das plantações contra suas próprias vontades" (CARNEIRO, 1988: 66). Nessa narrativa, os Palmarinos ameaçavam os escravizados com suas facas, impelindo-os a se juntarem ao quilombo. A mesma interpretação tendenciosa foi frequentemente reafirmada por autores posteriores talvez mais notavelmente pelo historiador alemão Heinrich Handelman que, em 1860, reproduziu o mesmo argumento:

*Os habitantes de Palmares mantiveram pessoas de sua própria raça na escravidão, negros e de cor, se eles caíssem nas mãos dos fugitivos em expedição, eles eram separados pelos vencedores e usados, eles e seus descendentes, como escravos domésticos. Somente quando eles eram recrutados ao quilombo por suas próprias vontades, eles eram recebidos como cidadãos.* (HANDELMANN, 1987: 446)

Handelman, portanto, faz a suposição de que escravos preferiam ficar como bens móveis nas fazendas do que se tornarem servos em Palmares. A evidência arqueológica disponível, no entanto, não apóia a idéia de que a vida em Palmares pudesse ser mais cruel do que nas fazendas – mesmo para os servos – considerando que não há evidência no quilombo de instalações desumanas como as existentes nos engenhos de açúcar. A despeito dos preconceitos do historiador alemão, é sintomático que ele use a palavra *Bürger* para se referir aos Palmarinos, já que ela pode significar ao mesmo tempo cidadão e homem livre.

Palmares como um todo, com seus 20.000 habitantes, abrigaram provavelmente um em cada três escravos da colônia e a evidência arqueológica da capital de Palmares, apesar da destruição desse sítio, é suficiente para evidenciar a afirmação de que ele foi um assentamento imenso, comparável somente com as maiores cidades da colônia. Os resquícios dessa organização têm chamado a atenção

*Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*

apenas recentemente, mas a cultura popular e a tradição mantêm vivos diversos rituais comemorativos da saga desses rebeldes. Os habitantes de muitas cidades do nordeste do Brasil organizam festivais para celebrar os santos patronos de suas igrejas. Muitas dessas celebrações incorporam uma batalha simulada que lembra Palmares. Chamado 'Quilombo', o combate marca a luta de escravos fugitivos e brasileiros nativos e ocorre ao redor de uma fortaleza. Dentro da área protegida estão dois tronos; um para o rei negro e outro para a rainha, uma mulher não africana. Em um determinado ponto da encenação, os nativos aparecem armados com arcos e flechas, e liderados pelo rei coberto por uma túnica vermelha e carregando uma espada. Este diálogo ocorre entre os dois grupos:

*Nativos: "Vamos, vamos, facas não são capazes de matar nem mesmo mulheres".*

*Africanos: "Não se preocupe, homem negro, o homem branco não pode chegar até aqui. Se ele vier, o diabo irá pegá-lo" (CARNEIRO, 1988: 80-1).*

O combate termina com a vitória dos nativos, que capturam o rei e a rainha. Tocam os sinos da igreja, a cidade é destruída, os Palmarinos são vendidos e a rainha é dada ao homem de maior poder local.

Essa história reinterpreta Palmares por um caminho conservador, mas ela também trai alguns fatos históricos: o caráter multicultural de Palmares, as tropas de indígenas usadas para atacar o assentamento, e a herança mestiça indígena/portuguesa do bandeirante Domingos Jorge Velho que comandou o assalto final (FUNARI, 1995b). Ativistas negros e ativistas sociais em geral têm reinterpretado Palmares por diversas décadas, construindo uma comunidade simbólica de descendentes dos rebeldes (McGUIRE, 1992: 828). Desde a década de 1970, a Serra da Barriga tem sido usada como um local para encontros de tudo aquilo que diz respeito à elevação da consciência negra no Brasil, e na década de 1980 - com a restauração dos civis no poder - o local foi declarado Patrimônio Nacional (SANTOS, 1995). O estudo arqueológico da Serra da Barriga tem focado a discussão na importância do sítio para uma interpretação mais democrática, menos parcial e racista de toda a sociedade brasileira. Dado esse recorte de alta importância, os meios de comunicação nacionais dedicaram especial atenção ao sítio e contribuíram com o debate mais amplo sobre a história e cultura de Palmares.

## CONCLUSÃO

A Arqueologia está em uma excelente posição para estudar a interação dinâmica entre governantes e governados, focando os conflitos e confrontos sociais (FUNARI et al. 1999). A Arqueologia Histórica é capaz de alterar as grandes narrativas de poder que são freqüentemente representadas nos documentos, como mostramos no estudo comparativo entre fontes escritas sobre Palmares e cultura material dos sítios arqueológicos. Além disso, acreditamos que o exemplo de Palmares aponta para a importância, para o reconhecimento de que a Arqueologia lida com evidência de conflito bem como de flexibilidade, e que os arqueólogos não podem reivindicar serem observadores neutros da evidência (FUNARI, 1996). A evidência material de Palmares é, entretanto, clara o suficiente para desafiar as interpretações preconceituosas e conservadoras sobre o assentamento (FUNARI e PODGORNÝ, 1998). Reconhecendo que o que, nós, como arqueólogos fazemos precisa ser visto no contexto da história e sociedade (SHANKS, 1994: 32), a Arqueologia da resistência e rebelião escrava pode ter uma importante função de estimular a consciência crítica e balizada. Palmares é um lembrete de que a Arqueologia pode ter êxito nessa função.

## AGRADECIMENTOS

A pesquisa arqueológica na Serra da Barriga contou com o apoio da *National Science Foundation*, *Illinois State University*, *National Geographic Society*, *UNESP*, *UNICAMP*, *UFAL*. Este artigo, na substância, foi publicado, no seu original em língua inglesa, em *World Archaeology* 33, 2001, 61-72. Agradecemos a Aline Veira de Carvalho a tradução ao português. Charles E. Orser gostaria de agradecer Janice Orser por ajudar com este ensaio. Pedro Funari gostaria de agradecer aos seguintes colegas por sua colaboração: Scott Joseph Allen, Zezito de Araújo, Jonathon Glassman, Martin Hall, Siân Jones, Leandro Karnal, Randall McGuire, Irina Podgorný, Michael Rowlands e Michael Shanks. Somos os únicos responsáveis pelas idéias aqui apresentadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGORSAH, E. K. Archaeology of maroon heritage in Jamaica. In: *Archaeology Jamaica*, 1990, 2: 14-9.
- \_\_\_\_\_. Archaeology and resistance history in the Caribbean. In: *African Archaeological Review*, 1993, 11: 175-95.
- ALLEN, S. J. A cultural mosaic at Palmares? Grappling with the historical archaeology of a seventeenth-century Brazilian quilombo. In: *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Ed. P. P. A. Funari. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1999, pp. 141-178.
- APTHEKER, H. *American Negro Slave Revolts*. New York: Columbia University Press, 1943.
- CARNEIRO, E. *O Quilombo dos Palmares*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1988.
- CRÔS, C. R. *La Civilisation Afro-Brésilienne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- DEAGAN, K. and MACMAHON, D. *Fort Mose: Colonial America's Black Fortress of Freedom*. Gainesville: University Press of Florida/Florida Museum of Natural History, 1995.
- FAIRBANKS, C. H. Historical Archaeological Implications of Recent Investigations. In: *Geoscience and Man*, 1983, 23: 17-26.
- \_\_\_\_\_. The Plantation Archaeology of the Southeastern Coast. In: *Historical Archaeology*, 1984, 18 (1): 1-14.
- FERGUSON, L. Struggling with pots in colonial South Carolina. In: *The Archaeology of Inequality*. Eds R. H. McGuire and R. Paynter. Oxford: Blackwell, 1991, pp. 28-39.
- FUNARI, P. P. A. La cultura material y la arqueología en el estudio de la cultura Africana en las Américas. In: *América Negra*, 1994, 8:33-47.
- \_\_\_\_\_. The archaeology of Palmares and its contribution to the understanding of the History of African American culture. In: *Historical Archaeology in Latin America*, 1995a, 7: 1-41.
- \_\_\_\_\_. A cultura material e a construção de mitologia bandeirante: problemas da identidade nacional Brasileira. In: *Idéias*, 1995b, 2 (1): 29-48.
- \_\_\_\_\_. Pluralism and divisions in European archaeology. In: *Journal of European Archaeology*, 1996, 4: 384-85.
- \_\_\_\_\_. Archaeology, History, and Historical Archaeology in South America. In: *International Journal of Historical Archaeology*, 1997, 1: 189-206.
- \_\_\_\_\_. Maroon, Race and Gender: Palmares material culture and social relations in a runaway settlement. In: *Historical Archaeology: Back from the Edge*. Eds. P. P. A. Funari, M. Hall, and S. Jones. London: Routledge, 1999, pp. 308-27.

- FUNARI, P. P. A., JONES, S. and HALL, M. Introduction: Archaeology in History. In: *Historical Archaeology: Back from the Edge*. Eds P. P. A. Funari, M. Hall, and S. Jones. London: Routledge, 1999, pp. 1-20.
- FUNARI, P. P. A. and PODGORNÝ, I. Is Archaeology only ideologically biased rhetoric? In: *European Journal of Archaeology*, 1998, 1: 416-24.
- GARCÍA ARÉVALO, M. A. El Maniel de Jose Leta: Evidencias arqueológicas de un posible asentamiento cimarrón en la región sudoriental de la Isla de Santo Domingo. In: *Cimarron*, 1986, pp. 33-55.
- GARMAN, J. C. Rethinking 'resistant accommodation': toward an Archaeology of African-American lives in Southern New England (1638-1800). In: *International Journal of Historical Archaeology*, 1998, 2: 133-60.
- GLASSMAN, J. The bondman's new clothes: the contradictory consciousness of slave resistance on the Swahili coast. In: *Journal of African History*, 1992, 32: 277-312.
- \_\_\_\_\_. No words of their own. In: *Slavery and Abolition*, 1995, 16: 131-45.
- GUMARÃES, C. M. O quilombo do Ambrósio: Lenda, Documentos e Arqueologia. In: *Estudos Ibero-Americanos*, 1990, 16: 161-74.
- HANDELMANN, H. *Geschichte von Brasilien*. Zurich: Manesse, 1987.
- JAMES, C. L. R. *History of Pan-African Revolt*. 2<sup>nd</sup> ed. Washington: Drum and Spear Press, 1969.
- LEONE, M. P., MULLINS, P. R., CREVELING, M. C., HURST, L., JACKSON-NASH, B., JONES, L. D., KAISER, H. J., LOGAN, G. C., and WARNER, M. S. Can an African-American Historical Archaeology be an alternative voice? In: *Interpretive Archaeology: Finding Meaning in the Past*. Eds. I. Hodder, M. Shanks, A. Alexandri, V. Buchli, J. Carman, J. Last, and G. Lucas. London: Routledge, 1995, pp. 110-24.
- LIGHTFOOT, K. G., MARTINEZ, A. and SCHIFF, A. M. Daily practice and material culture in pluralistic social settings: an archaeological study of culture change and persistence from Fort Ross, California. In: *American Antiquity*, 1998, 63: 199-222.
- MCDAVID, C. and BABSON, D. W (eds). In the realm of politics: Prospects for public participation in African-American and plantation Archaeology. In: *Historical Archaeology*, 1997, 31 (3): 1-152.
- MCGUIRE, R. Archaeology and the first Americans. In: *American Anthropologist*, 1992, 94: 816-36.
- NICHOLS, E. *No easy run to freedom: maroons in the Great Dismal Swamp of North Carolina and Virginia, 1677-1850*. Master's Thesis. Department of Anthropology, University of South Carolina, Columbia, 1988.
- ORSER Jr, C. E. Archaeological approaches to New World plantation slavery. In: *Archaeological Method and Theory*. Ed. M. B. Schiffer. Tucson: University of Arizona Press, vol. 2, pp. 111-154, 1990.

- \_\_\_\_\_. The continued pattern of dominance: landlord and tenant on the postbellum cotton plantation. In: *The Archaeology of Inequality*. Ed. R. H. McGuire and R. Paynter. Oxford: Blackwell, 1991, pp. 40-54.
- \_\_\_\_\_. The Archaeology of African-American slave religion in the antebellum South. In: *Cambridge Archaeological Journal*, 1994a, 4: 33-45.
- \_\_\_\_\_. Toward a global Historical Archaeology: an example from Brazil. In: *Historical Archaeology*, 1994b, 28 (1): 5-22.
- \_\_\_\_\_. The Archaeology of the African Diaspora. In: *Annual Review of Anthropology*, 1998, 27: 63-82.
- PALMER, C. From theory to practice: experiencing the nation in everyday life. In: *Journal of Material Culture*, 1998, 3: 175-99.
- PRICE, R. (ed.) *Maroon Societies: Rebel Slave Communities in the Americas*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1979.
- ROWLANDS, M. Black identity and sense of past in Brazilian national culture. In: *Historical Archaeology: Back from the Edge*. Eds. P. P. A. Funari, M. Hall, and S. Jones. London: Routledge, 1999, pp. 328-344.
- SANTOS, J. R. dos. Memorial Zumbi. In: *Carta*, 1995, 7: 65-72.
- SCOTT, J. C. *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven: Yale University Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- SHANKS, M. Archaeology: theories, themes and experience. In: *Archaeological Theory: Progress or Posture?* Ed. I. M. MacKenzie. Avebury: Aldershot, 1994, pp. 19-39.
- SINGLETON, T. A. The archaeology of slavery in North America. In: *Annual Review of Anthropology*, 1995, 24: 119-40.
- \_\_\_\_\_. "I, Too, Am America": *Archaeological Studies of African American Life*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1999.
- SINGLETON, T. A. and BOGRAD, M. D. *The Archaeology of the African Diaspora in the Americas*. Tucson: Society for Historical Archaeology, 1995.
- STINE, L. F., CABAK, M. A. and GROOVER, M. D. Blue beads as African-American cultural symbols. In: *Historical Archaeology*, 1995, 30 (3): 49-75.
- WEBSTER, J. Resisting traditions: ceramics, identity, and consumer choice in the Outer Hebrides from 1800 to the present. In: *International Journal of Historical Archaeology*, 1999, 3: 53-73.
- WEIK, T. The archaeology of maroon societies in the Americas: resistance, cultural continuity, and transformation in the African diaspora. In: *Historical Archaeology*, 1997, 31 (2): 81-92.
- WILKIE, L. A. Magic and empowerment on the plantation: an archaeological consideration of African-American world view. In: *Southeastern Archaeology*, 1995, 14: 136-48.
- YOUNG, A. L. Archaeological evidence of African-style ritual and healing practices in the upland South. In: *Tennessee Anthropologist*, 1996, 21: 139-55.

Recebido em: 15/04/2004  
Aprovado em: 21/07/2004  
Publicado em: 24/09/2004

